



## A MOTIVAÇÃO PRIMEIRA

Álvaro de Vasconcelos - Director do IEEI

Os vinte anos de vida do IEEI foram anos de mudanças radicais em Portugal e no mundo. Quando foi criado, em Fevereiro de 1980, existia ainda o Conselho da Revolução e a política de defesa era uma competência exclusiva dos militares. Presidii à formação do IEEI a noção, reforçada pelas incidências que na crise de 1974-75 teve o conflito leste-oeste, de que era essencial para os portugueses o que se passava no mundo. E não era menos importante que em Portugal existissem instituições civis, como tradicionalmente existiam em grande parte das democracias, que dessem a conhecer a reflexão e o debate especificamente português à Europa e ao mundo.

Durante os anos da ditadura, os temas de política internacional e mais acentuadamente ainda as questões militares e de defesa eram monopólio do Estado e das suas instituições. Construir uma instituição da sociedade civil com essa vocação, democratizar o debate sobre a política externa e de defesa, contribuir para que as prioridades nesse campo correspondam aos interesses do Portugal europeu e democrático, foi o objectivo essencial que presidii à criação do IEEI. Os primeiros anos do IEEI centraram-se na reflexão e na promoção do debate sobre as relações político-militares, preconizando a «externalização» das Forças Armadas portuguesas e o seu empenhamento na problemática da segurança europeia, então através da Aliança Atlântica, dando-se também os primeiros passos para criar uma tradição de estudo e reflexão sobre a problemática genérica das relações internacionais. Nesse debate foi particularmente significativa a questão das relações entre Portugal e a Espanha. Os dois países ibéricos, restaurada a democracia, tinham no essencial as mesmas opções de política externa e de segurança – a Comunidade Europeia e a Nato –, e necessitavam de dar a devida prioridade às suas relações numa perspectiva de integração e confiança mútua. Não foi um tema fácil, mas foi um tema fulcral.

O IEEI participou activamente nos grandes debates da década final da guerra fria. O início dos anos 80 foi o período de Brejnev, da doutrina da soberania limitada, da invasão do Afeganistão, da guerra em Angola e nas Malvinas e da controvérsia sobre os euromísseis. Desse período fica a memória da vinda a Lisboa de Raymond Aron e das suas conferências e debates no IEEI sobre as complexidades do mundo bipolar, sobre os conflitos que escapavam à lógica do confronto das superpotências, sobre o despertar da Polónia e a certa previsão (então ofensiva, para alguns) de que a União Soviética era uma superpotência com fragilidades económicas insuperáveis.

O início dos anos 80 é também o do debate intenso sobre a adesão de Portugal à Comunidade Europeia, em que o IEEI se envolveu com todo o empenho e entusiasmo, organizando seminários e colóquios, produzindo textos e participando em reuniões nos países membros. Dos anos 80 fica também o interesse do IEEI pelo Maghreb, a África lusófona e o Brasil, áreas que, com a Europa e a integração, viriam, nos anos que se seguiram, a afirmar-se como o contributo mais original do IEEI para o debate internacional.

Na segunda parte da década de 80, a mudança do poder na União Soviética começou a fazer mudar a fisionomia do sistema internacional de forma ainda imprevisível. A emergência de Gorbatchev, a atitude a tomar perante a perestroika, foram temas fortes desses anos de viragem.

# PRIMEIRA

Nos anos 90 o IEEI acompanhou muito de perto o fim da guerra fria, a revolução democrática no centro e leste europeu, e depois o regresso do nacionalismo extremo à Europa, a guerra nos Balcãs, os progressos e recuos da construção europeia e os esforços de Portugal para se colocar no centro da Europa, de uma Europa aberta, porque plural e virada para o mundo. Foram anos particularmente estimulantes para o mundo e para a actividade dos que se ocupam de política internacional e de estratégia. O aproximar do fim último do ciclo imperial português fez também com que o IEEI se interessasse pela Ásia, nomeadamente por Macau e pela China, e por Timor e pela Indonésia.

Mas não há nada que o IEEI tenha feito nos anos 90 que não estivesse já no espírito dos que fizeram o IEEI nos anos 80, dos que conosco continuam trabalhando ou dos que já nos deixaram, como os saudosos Armando de Castro e António de Siqueira Freire, entre os muitos, portugueses e estrangeiros, de quem guardamos uma reconhecida lembrança por tudo o que fizeram pelo IEEI.

Vinte anos passados, aquilo de que mais nos orgulhamos, desde o início, é a convicção de que os valores essenciais – a defesa da democracia, dos direitos do homem, da liberdade de informação, da convivência e da integração – não podem ser alheios à política externa e de defesa dos Estados democráticos, antes devem ser o seu núcleo central. Esta foi e continua a ser a nossa motivação primeira.